

A promotional poster for a performance. It features a photograph of two men, André Henriques and Nuno Vieira de Almeida, standing in front of a large window. The man on the left is older, with dark hair and a serious expression, wearing a dark shirt. The man on the right is younger, with dark hair and a slight smile, wearing a light-colored shirt. The background is a bright, modern interior with large windows. The text is overlaid on the image in white and black.

**CCB**

***AOS EXILADOS***  
**ANDRÉ HENRIQUES  
E NUNO VIEIRA DE  
ALMEIDA**

**9 FEV 25**

**ARTES  
PERFORMATIVAS  
E PENSAMENTO**

Temporada 2024/2025

Ciclo Concertos Comentados – Recital de canto e piano  
Domingo, 11h00  
Sala Luís de Freitas Branco  
M/6  
Duração aproximada: 60 min.

Programa

**Aos exilados**

**Dmitri Shostakovich (1906–1975)**

Prelúdio XXII (3')

*Suite sobre versos de Michelangelo, op. 145 (50')*

- *Verdade*
- *Manhã*
- *Amor*
- *Separação*
- *Cólera*
- *Dante*
- *Ao exilado*
- *Criar*
- *Noite*
- *Morte*
- *Imortalidade*

*Prelúdio XIV (3')*

Concerto comentado por **Nuno Vieira de Almeida**

Baixo **André Henriques**

Piano **Nuno Vieira de Almeida**

## **AOS EXILADOS**

A *Suite sobre versos de Michelangelo* foi composta em 1974 depois de Shostakovich receber o diagnóstico do cancro de pulmão que o mataria no ano seguinte. Trata-se de uma obra para canto e piano que foi mais tarde orquestrada.

O que começou por ser «apenas» um ciclo de homenagem a Michelangelo, escrito para as comemorações dos 500 anos do seu nascimento a 6 de Março de 1475, tornou-se numa das mais importantes e particulares obras de Shostakovich. Na sua crueza, parcimónia e pessimismo, que a versão original reflete mais profundamente que a versão orquestral, é possível discernir ecos desse outro cume que é a *Viagem de Inverno* de Schubert.

Austera e magnífica como o *Moisés* de Michelangelo, a *Suite* op. 145 é organizada em três polos temáticos antecidos de um prólogo — *Verdade* — e precedidos de um epílogo — *Imortalidade* —, composto sobre uma simples melodia escrita aos nove anos por Shostakovich. Os títulos das várias canções são da autoria do compositor, Michelangelo não o fez para nenhum dos seus maravilhosos poemas. Cada secção é constituída por três canções e poderíamos definir cada uma delas como amor, o artista e o poder, e criatividade e morte.

Resolvi anteceder a apresentação da obra com um prelúdio de Shostakovich para piano e utilizar o mesmo processo no final, como pontos de preparação e reflexão sobre uma das maiores e mais impressionantes obras escritas para canto e piano no século XX.

O título que dei ao recital, *Aos exilados*, reflete de alguma maneira a declaração política de Shostakovich e espero que force uma certa ponderação sobre uma preocupação recorrente minha: enquanto o poder político (seja ele qual for) não entender a fulcral importância da cultura como elemento identitário, todos somos exilados.

**Nuno Vieira de Almeida**

(o autor escreve segundo o antigo Acordo Ortográfico)

## **Suite sobre versos de Michelangelo, op. 145**

De Dmitri Shostakovich (1906-1975)

Textos de Michelangelo Buonarroti (1475-1564)

### **1.**

Signor, se vero è alcun proverbio  
antico,  
questo è ben quel, che chi può,  
mai non vuole.

Tu hai creduto a favole e parole,  
e premiato chi è del ver nimico.

Io sono, e fui già tuo buon servo  
antico;  
a te son dato come i raggi al sole;  
e del mio tempo non t'incresce  
o duole,  
e men ti piaccio se più m'affatico.

Già sperai ascender per la tua  
altezza;  
e 'l giusto peso, e la potente spada  
fassi al bisogno,  
e non la voce d'eco.

Ma 'l cielo è quel ch'ogni virtù  
disprezza  
locarla al mondo,  
se vuol ch'altri vada  
a prender frutto d'un arbor ch'è  
secco.

### **2.**

Quanto si gode, lieta e ben  
contesta  
di fior, sopra' crin d'or d'una,  
grillanda;  
che l'altro inanzi l'uno all' altro  
manda,  
come ch'il primo sia a baciare  
la testa!

### **1.**

Senhor, se verdadeiro é algum  
provérbio antigo,  
é sem dúvida aquele, que quem pode,  
nunca quer.  
Tu acreditaste em fábulas e promessas,  
e recompensaste quem foi da verdade  
inimigo.

Eu sou, e fui já teu bom servo antigo;  
a ti me entrego como os raios do sol;  
e do meu tempo não te preocupas  
nem te lamentas,  
e menos te agrado quanto mais me  
afadigo.

Em tempos esperei elevar-me pela tua  
grandeza;  
e que o justo valor e a potente espada  
se recebessem pelo mérito, e não  
pelos rumores.

Mas o céu é quem todas as virtudes  
despreza  
trazer ao mundo, pois quer que  
outrem vá  
colher o fruto de uma árvore que  
mirrou.

### **2.**

Como se deleita, graciosa e bem  
adornada  
de flores, sobre uma cabeleira de  
ouro, a grinalda;  
e esta e aquela reciprocamente se  
empurram,  
para serem as primeiras a vir beijar a  
frente!

Contenta è tutto il giorno quella  
vesta  
che serra 'l petto, e poi par che si  
sponda;  
e quel c'oro filato si domanda  
le guanci, e 'l collo di toccar non  
resta.

Ma più lieto quel nastro par  
che goda,  
dorato in punta, con sì fatte  
sempre,  
che preme e tocca il petto ch'egli  
allaccia.

E la schietta cintura che s'annoda.  
Mi par dir seco: qui vo' stringier  
sempre!  
Or che farebbon dunche le mie  
braccia?

**3.**  
Dimmi di grazia, amor, se gli occhi i  
mei  
veggono 'l ver della beltà ch'aspiro,  
o s'io l'ho dentro allor che, dov' io  
miro,  
veggo più bello el viso di costei.

Tu 'l de' saper, po' che tu vien con lei  
a torm' ogni mie pace, ond' io  
m'adiro:  
Nè vorre' manco un minimo sospiro,  
nè men ardente foco chiederei.  
La beltà che tu vedi è ben da quella;  
ma cresce poi ch'a miglior  
loco sale,  
se per gli occhi mortali all' alma  
corre.

Quivi si fa divina, onesta e bella,  
com' a sè simil vuol cosa immortale:  
Questa, e non quella, a gli occhi tuo'  
precorre.

Feliz está todo o dia aquele  
vestido  
que ampara o peito, e logo o parece  
soltar;  
e aquele que, de ouro tecido,  
procurao rosto, e o pescoço gosta de  
acariciar.

Mas mais contente parece deleitar-se  
aquela fita,  
de ponta dourada, com tais modos  
sempre,  
que preme e achega o peito que  
enlaça.

E o singelo cinto que se enrola,  
parece dizer a si mesmo: «quero  
abraçar sempre assim...»  
Que farão então os meus  
braços?

**3.**  
Diz-me por favor, amor, se os meus  
olhos  
veem de verdade a beleza que desejo,  
ou se vive em mim tal ardor que, por  
onde olho,  
cada vez mais belo o seu rosto vejo.

Tu debes sabê-lo? já que vens com ela  
perturbar a minha paz, e eu assim me  
exalto:  
Não desejo nem mais fraco suspiro,  
nem menos ardente fogo pedir.   
A beleza que vês é decerto a sua;  
mas esta cresce já que às alturas se  
eleva,  
quando, pelos olhos mortais, a alma  
percorre.

Faz-se então divina, honesta e bela,  
como ela mesma deseja ser imortal:  
É esta, e não aquela, que aos teus  
olhos se revela.

**4.**

Com' arò dunque ardire  
senza vo' ma', mio ben, tenermi 'n vita,  
s'io non posso al partir chiedervi  
aita?

Que' singulti, e que' pianti, e que'  
sospiri  
che 'l miser core voi  
accompagnorno,  
Madonna, duramente dimostrorno  
la mia propinqua morte e' miei martiri.

Ma se ver e' che per assenzia  
mai  
mia fedel servitù vadia in obbligo,  
il cor lasso con voi, che non  
è mio.

**5.**

Qua si fa elmi di calici e  
spade,  
e 'l sangue di Cristo si vend' a  
giumelle,  
e croce e spine son lance e  
rotelle;  
e pur da Cristo pazienza cade!

Ma non c'arivi più 'n queste contrade,  
chè n'andrè 'l sangue suo 'nsin alle  
stelle,  
poscia che a Roma gli vendon la pelle;  
e èci d'ogni ben chiuso le strade.

S' i' ebbi ma' voglia a posseder  
tesauro,  
per ciò che qua opera da me è  
partita,  
può quel nel manto che Medusa in  
Mauro.

Ma se alto in cielo è povertà gradita,  
qual fia di nostro stato il gran  
restauro,  
s' un altro segno amorza l'altra vita?

**4.**

Como poderei ousar  
sem vós, meu bem, manter-me vivo,  
se não posso, ao partir, pedir-vos  
auxílio?

Que soluções, e que choros, e que  
suspiros  
do mísero coração vos  
acompanharam,  
Senhora, e duramente provaram  
a minha morte e os meus martírios.

Mas é bem certo que, por ausência,  
nunca  
a minha fiel servidão será esquecida,  
o coração deixo convosco, que não é  
meu.

**5.**

Aqui fazem-se elmos de cálices e  
espadas,  
e o sangue de Cristo vende-se ao  
desbarato,  
e a cruz e os espinhos são lanças e  
broquéis;  
e até o próprio Cristo se resigna!

Mas já ninguém chega a este país,  
sem que o seu sangue seja  
derramado,  
pois em Roma já lhe vendem a pele;  
e nenhum bem circula nestas estradas.

Se algum dia desejei alguma  
riqueza,  
pelas obras aqui por mim  
realizadas,  
possa essa ser a do manto de Medusa  
em Mauro.

Mas se no céu a pobreza é premiada,  
como consolar-nos do nosso estado,  
se de outro fim o Além está  
ameaçado?

6.

Dal ciel discesce, e col mortal suo, poi  
che visto ebbe l'inferno giusto e 'l pio,  
ritornò vivo a còntemplare Dio,  
per dar di tutto il vero lume a noi:

Lucente stella, che co' raggi suoi  
fe chiaro, a torto, el nido ove naqu' io;  
nè sare 'l premio tutto 'l mondo rio:  
Tu sol, che la creasti, esser quel puoi.

Di Dante dico, che mal conoscite  
fur l'opre suo da quel popolo ingrato,  
che solo a' iusti manca di salute.

Fuss' io pur lui! C'a tal fortuna  
nato,  
per l'aspro esilio suo, son la  
virtute,  
dare' del mondo il più felice stato.

7.

Quante dirne si de' non si può dire,  
chè troppo agli orbi il suo splendor  
s'accese:  
Biasmar si può più 'l popol che 'l  
offese,  
c'al suo men pregio ogni maggior  
salire.

Questo discese a' meriti del fallire,  
per l'util nostro, e poi a  
Dio ascese:  
E le porte che 'l ciel non gli contese,  
la patria chiuse al suo guisto  
desire.

Ingrata, dico, e della suo fortuna  
a suo danno nutrice; ond' è ben  
segno,  
c' a' più perfetti abonda di  
più guai.

Fra mille altre ragion sol ha quest' una:  
Se par non ebbe il suo esilio  
indegnio,  
simil uom nè maggior non naqqe mai.

6.

Do céu desceu, e embora mortal, após  
ter visto o inferno justo e pio,  
retornou vivo a contemplar a Deus,  
para nos dar a verdadeira luz:

A cintilante estrela, que com os seus raios  
iluminou, em vão, o ninho onde nasci;  
não poderia resgatar todo este mundo cruel:  
só Tu, que a criaste, o podes fazer.

De Dante digo, que mal conhecidas  
foram as suas obras pelo povo ingrato,  
que só se recusa a louvar os justos.

Se eu pudesse ser ele! Sob tal estrela  
nasceu,  
que através do seu rude exílio, ecoa a  
virtude,  
daria ao mundo a melhor condição.

7.

As palavras não chegam para o retratar,  
pois o seu esplendor brilhou como um  
astro:  
Mais facilmente se censura o povo que  
o ofendeu,  
do que se alcança o menor dos seus  
méritos.

Ele desceu bem perto do pecado,  
pelo nosso bem, e depois subiu a  
Deus:  
e as portas que o céu não lhe coíbiu,  
fechou-as a pátria ao seu legítimo  
desejo.

Ingrato, digo, do seu destino  
que não o afortunou; pois está  
provado,  
que os melhores padecem mais  
tormentos.

Entre mil outras razões só esta basta:  
se o seu indigno exílio não teve igual,  
semelhante ou maior homem nunca  
nasceu.

**8.**

Se'l mie rozzo martello i duri sassi  
forma d'uman aspetto or questo o  
quello,  
dal ministro, ch'el guida iscorgie e  
tiello,  
prendendo il moto, va con gli altrui  
passi:

Ma quel divin, ch'in ciela alberga e  
stassi,  
altri, e sè più, col proprio andar fa  
bello;  
e se nessun martel senza martello  
si può far, da quel vivo ogni  
altro fassi.

E perchè 'l colpo è di valor più pieno  
quant' alza più se stesso alla fucina,  
sopra 'l mie, questo al ciel n'è gito a  
volo.

Onde a me non finito verrà meno,  
s' or non gli dà la fabbrica divina,  
aiuto a farlo, c' al mondo era solo.

**9.**

La Notte, che tu vedi in sì dolci atti  
dormir, fu da un angelo scolpita  
in questo sasso, e perchè dorme ha  
vita:  
Destala, se nol credi, e parleratti.

Caro m' è 'l sonno, e più l'esser  
di sasso,  
mentre che 'l danno e la vergogna  
dura:  
Non veder, non sentir, m' è gran  
ventura;  
però non mi destar, deh! parla basso.

**10.**

Di morte certo, ma non già dell' ora;  
la vita è breve, e poco me n'avanza;  
diletta al senso è non però la stanza  
a l'alma, che mi priega pur ch' i'  
mora.

**8.**

O meu simples martelo às duras  
pedras  
dá forma humana, ora esta, ora aquela,  
da inspiração que o guia, lúcida e  
previdente,  
tomando o impulso, segue os passos  
de outrem:

Mas aquele divino, que no céu vive e  
permanece,  
pelo seu movimento os outros e a si  
próprio enaltece;  
e se nenhum martelo sem martelo  
se pode fazer, daquele, vivo, todos os  
outros nascem.

E porque o golpe tem mais valor  
quanto mais se eleva a forja,  
o meu faço voar ao lançá-lo para o  
céu.

E assim, eternamente insatisfeito,  
embora não alcance a feitura divina,  
procuro fazê-lo, mas estou só no mundo.

**9.**

A Noite, que vê em tão doces gestos  
dormir, foi por um anjo esculpida  
nesta pedra, e porque dorme  
vive:  
desperta-a, se não o crês, e falar-te-á.

Caro me é o sono, e ainda mais caro o  
ser de pedra,  
enquanto o mal e a vergonha  
durarem:  
não ver, não sentir, é a minha grande  
fortuna;  
mas não me despertes, eh! Fala baixo.

**10.**

Da morte estou certo, mas já não da  
hora;  
a vida é breve, e dela pouco me resta;  
cara aos sentidos, o ficar já não o é  
à alma, que me suplica de morrer.

Il mondo è cieco, e 'l tristo esempio  
ancora  
vince e sommerge ogni prefetta  
usanza;  
spent' è la luce, e seco ogni baldanza;  
trionfa il falso, e 'l ver non surge fora.

Deh quando fie, Signor, quel che  
s'aspetta  
per chi ti crede? Ch' ogni troppo  
indugio  
tronca la speme, el' alma fa mortale.

Che val che tanto lume altrui  
prometta,  
s' anzi vien morte, e senz' alcun  
refugio  
ferma per sempre in che stato altri  
assale?

**11.**

Qui vuol mie sorte c' anzi tempo i'  
dorma:  
Nè son già morto: e ben c' albergo  
cangi,  
resto in te vivo, c' or mi vedi  
e piangi;  
se l' un nell' altro amante si  
trasforma.

Qui son morto creduto; e per  
conforto  
del mondo vissi, e con mille alme in  
seno  
di veri amanti: adunche, a venir  
meno,  
per tormen' una sola non son morto.

O mundo é cego, e o triste exemplo  
ainda  
vence e afunda todos os nobres  
costumes;  
apagou-se a luz, e a confiança morreu;  
a falsidade triunfa, e a verdade não surge.

Mas quando virá, Senhor,  
o que espera  
quem em ti crê? Pois demasiada  
demora  
mata a esperança e torna a alma mortal.

De que serve que outrem nos prometa  
tantas luzes,  
se com maior razão chega a morte, e  
sem possível refúgio  
nos deixa para sempre no estado em  
que nos encontra?

**11.**

Assim, quis a sorte que antes da hora  
eu adormecesse:  
já estou morto, e embora mude de  
invólucro,  
permaneço vivo em ti, que agora me  
vês e choras;  
pois os amantes transformam-se um  
no outro.

Aqui, julgaram-me morto, mas para  
conforto  
do mundo vivi, levando no peito mil  
almas  
de verdadeiros amantes: assim, ao  
fingir,  
não atormentei uma única alma.

Tradução:

Ana Gonçalves Pedro (do italiano), gentilmente cedida pela Fundação Calouste  
Gulbenkian. © FCG

## André Henriques

Baixo

É diplomado em Canto pela Escola de Música do Conservatório Nacional (classe do prof. António Wagner Diniz) e foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian para estudar Opera Performance na Royal Welsh College of Music and Drama (onde estudou com Donald Maxwell). Atualmente, aperfeiçoa-se regularmente com Lúcia Lemos.

De entre os vários projetos em que participou, destaque para a estreia absoluta d'A *Canção do Bandido*, onde cantou o papel de Macaco, numa coprodução entre o Teatro Nacional de São Carlos (TNSC) e o Teatro da Trindade/Força de Produção, o papel titular de *Don Giovanni*, de W. A. Mozart, com a Orquestra Metropolitana de Lisboa, ou as partes de baixo-barítono de *Die Schöpfung*, de Haydn, na Fundação Calouste Gulbenkian.

Recentemente, cantou papéis como Marcos Portugal em *Mautempo em Portugal*, de Eurico Carrapatoso (produção da Associação Setúbal Voz), Officer em *A Penal Colony*, de Philip Glass, no Teatro São Luiz, Enfermeiro Peres em *Rigor Mortis*, de Francisco Lima da Silva, Papageno em *A Flauta Mágica*, numa produção do Operafest Lisboa, e Onofre de *Maria da Fonte*, de Augusto Machado, numa coprodução entre o Centro Cultural de Belém, a Academia Portuguesa de Artes Musicais, o Teatro Nacional de São Carlos, a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, a Égide – Associação Portuguesa das Artes e o Teatro do Eléctrico.

## Nuno Vieira de Almeida

Piano

Estudou em Lisboa com José Manuel Beirão e Tania Achot e, como bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, em Viena com Leonid Brumberg e Londres com Geoffrey Parsons.

Apresenta-se regularmente como pianista de *Lied* com os maiores cantores nacionais e grandes nomes internacionais (Gundula Janowitz, Peter Weber, Peter Jelosits, Ulla Gustafson, Gabriele Fontana, etc.) em Portugal e no estrangeiro.

Apresentou em Portugal muitas primeiras audições de obras de compositores como: Schönberg, Webern, Wolf, Von Einen, Sckreker, Korngold, Weil, Bernstein, Britten, entre outros. E, em primeira audição mundial, obras de João Madureira, Carlos Caires, Constança Capdeville, Paulo Brandão, entre outras. É autor de diversos projetos de síntese musical com áreas como a pintura, o teatro, o cinema e a poesia.

Foi coautor com Yvette Centeno do programa de rádio *O texto e a música*. Colabora regularmente em espetáculos de teatro e cinema como intérprete e autor de bandas sonoras, como *Vale Abraão*, de Manoel de Oliveira, *La Valse*, de João Botelho, só para nomear os mais relevantes.

É responsável pelo ressurgimento de muitas obras para voz declamada e piano, tendo interpretado muitas em estreia em Portugal e encomendado outras tantas a compositores portugueses.

É professor na Escola Superior de Música de Lisboa e coordenador da classe de canto e doutorado em Musicologia Histórica pela Universidade Nova de Lisboa – 2015.

No seu trabalho destacam-se os seguintes projetos: Gravação da integral

para canto e piano de Luís de Freitas Branco e Joly Braga Santos, assim como um duplo CD com obra para canto e piano de Fernando Lopes-Graça com Elsa Saque. Gravação de um CD com obras de Lopes-Graça, nunca gravadas, com Ana Maria Pinto e João Rodrigues e um outro com obras de Vianna da Motta. Gravou também *Viagem de Inverno*, de Schubert, com Peter Weber. Apresenta em estreia mundial a obra *Cantares Galegos* de Joly Braga Santos – versão para canto e piano – com Elsa Saque, em 2005. Foi responsável pela apresentação de muitos jovens cantores portugueses com as séries de concertos Jovens Cantores.

Estreou em Portugal, no CCB, com Rita Blanco, o melodrama de Richard Strauss *Enoch Arden* (2021).

Para a editora Naxos gravou três CD com obra inédita para canto e piano de Fernando Lopes-Graça. Os dois primeiros com a colaboração de Susana Gaspar, Cátia Moreso, Fernando Guimarães e Ricardo Panela. O terceiro CD, gravado apenas com Susana Gaspar e que acaba de ser lançado no mercado internacional, contém também várias primeiras gravações mundiais a par com algumas das suas mais famosas canções.

Nuno Vieira de Almeida e André Henriques © Maria Silva/CCB



**JÁ A SEGUIR**  
**30 MAR 2025**

**CICLO CONCERTOS COMENTADOS – ORQUESTRA**

**UM CONTO MUSICAL: A ORIGEM DAS CHUVAS  
DE ONDJAKI/SÉRGIO AZEVEDO  
CAMERATA ATLÂNTICA**

Este concerto apresenta duas peças contrastantes em estilo e época. A *Suite Holberg* de Grieg (1884), inspirada nas danças do século XVIII e dedicada a Ludvig Holberg, destaca-se pela melodia e sentimento nacional norueguês, sendo uma obra fundamental no repertório para cordas. Holberg, filósofo norueguês, defendeu um ensino centrado na imaginação, antecipando as teorias educativas modernas. Complementando Grieg, Sérgio Azevedo apresenta um novo conto musical inspirado na poética história de Ondjaki, *A Origem das Chuvas*, sobre a deusa Ombela, que aprendeu a fazer chover com as suas lágrimas. Esta peça resulta de uma encomenda da Camerata Atlântica ao compositor.

Concerto comentado pelo compositor **Sérgio Azevedo**

Domingo, 11h00  
Sala Luís de Freitas Branco  
M/6

APOIO INSTITUCIONAL



PARCEIRO INSTITUCIONAL



PARCEIRO MEDIA PARA  
A TEMPORADA 2024-2025



APOIO MEDIA



O EL CORTE INGLÉS APOIA O  
PROGRAMA DE MEDIAÇÃO DE  
MÚSICA ERUDITA DO CCS

